

## Â N I M A \*

**Ângela Cançado L. Resende**

«... Tudo de repente era muito e muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar...»

**Clarice Lispector**

Em

A HORA DA ESTRELA

O mar, na curva da enseada do Flamengo, era a mesma chapa cinza e espelhada de vinte anos atrás. Procurou-o, através do vidro do carro que fazia a curva docemente como se viesse de um outro mundo.

Esperara um mar tão febril como a sua adolescência e espantara-se com aquele silêncio de coisa imóvel que só acreditava haver em Minas. As gravuras que vira nas revistas do Rio, lidas a medo, revelavam um brilho desconhecido e poderoso. Onde se escondera aquela luz exótica a cobrir tudo — película de sonho — carícia batendo leve na pele fria?

O carro abria a curva, e, devagar, a chapa de aço do mar se mostrou à sua frente. Como há vinte anos, a toalha das águas. Sentiu então a verdade do que pressentira naquele primeiro encontro, mas que teimara em não acreditar. O mar escondera o seu esplendor, para assemelhar-se a ela — nem que fosse só por um instante a ajustar-se a ela — como num ato de amor. Sua vida seria assim. Sempre o desejo de uma luz mais forte,

---

\* Premiado no concurso de contos da Academia Municipalista de Letras/Minascaixa, em 1978.

a nostalgia de um país desconhecido, a saudade de um não sei quê feliz e intacto. Fechou os olhos, cansada. Naquela época, não se desesperara com a reticência das águas, oceano entre ela mesma e o sonho remoto de calor e perfeição. Havia tempo, podia esperar. Mas, agora, o aviso repetido possuía uma ameaça velada como o mar à sua volta. O tempo da procura estava por findar. E o mar, sendo ainda o mesmo, já não o era. Dera voltas como o redondo de um relógio por fora, tão diverso do de dentro...

Reviu, na lembrança, o corpo dourado das moças da revista, as pequenas gotas unidas na pele macia das adolescentes correndo pela praia. Fechou as mãos e o ranger da areia tocou seus dedos como se por um instante pudesse ter possuído a juventude do Rio, o dilacerante Rio. Mas não. Sabia sempre que fora diferente. Lembrou-se de um começo de poema. «A moça que mora em frente é uma moça diferente, não olha para ninguém...» Sorriu. Como ser como as outras, as deusas deitadas na areia, brilhando um brilho novo de verniz? As coisas para ela haviam sido difíceis, quase sempre. Não passavam como água em cima de pedra. Doíam muito. Lembrava-se das anotações em francês que deixava pelos livros do ginásio e que a espantavam, ainda hoje, pela tristeza longínqua de algum poeta de um outro mundo, que nunca vira, nunca soubera, mas que repetia sem saber.

De onde viera? Nem fisicamente se parecia com os pais. E, no entanto, era filha deles, pertencia ao mesmo fatal sofrimento que havia neles. Sentia nas entranhas uma pedra voraz e imóvel propondo enigmas. O que é a felicidade? Olhava para o mar agora e, como há vinte anos, o mar não lhe respondia, velando-se, velando-se sempre. Minas ficava longe.

Uma vez, uma colega lhe dissera — você é lânguida. Foi ao dicionário. Talvez aquilo fosse uma das chaves para se descobrir, ela que perseguia a alegria nas páginas coloridas das revistas e gostaria de escrever cartas para os cronistas da cidade do Rio; aqueles que exaltavam a beleza do mar e do sol, tornar-se a sua musa, encantá-los com seu espírito e através deles, quem sabe, estampadas as palavras ao lado das fotos luminosas, pos-

suir um pouco daquele mágico segredo que pressentia na província. Lera uma vez que as almas superiores, quando solitárias, escrevem aos grandes homens. E se imaginava construindo frases tristes, que chegariam ao apartamento iluminado de algum cronista que diria devagar :

— «Eis a mulher linda e inteligente que eu deveria ter amado...»

O dicionário respondeu-lhe gravemente. A palavra lânguida ainda a punha mais longe da festa das praias e do amor selvagem que desejava. Já a percebiam distante, vinda de um país desfeito e frio, que se desmanchava devagar. Nenhum verniz pegava mais.

Os pneus do carro rangeram e ela abriu os olhos. Como podia sentir frio, agora que voltava, vinte anos depois, ao mundo do sol, ao lugar onde estava ainda o seu segredo, à espera como uma esmeralda encravada na terra quente? Teve pena de si mesma, mas reagiu. Isso não era bom. O tempo que lhe fora concedido corria. Afastar os maus presságios era parte importante da busca. Essa busca que a curvara um pouco e lhe dera uma beleza torta e equívoca, de quem já procurou no alto e, agora, se volta para baixo, sabendo que nas areias, nas areias da praia, ínfima e mínima como o menor dos grãosinhos desfeitos na palma da mão fina e fria, é que estava a resposta... Doía, todo o seu corpo doía da busca que já demorava tanto.

Mas as mulheres do Rio eram mulheres de Gauguin e haveria hibiscos vermelhos pela beira-mar. Eles se fechariam à noite, mas não importava. Quando o sol começasse a clarear e no horizonte da praia, entre o rolar cinza do mar e a esperança se levantasse, de novo, o corpo doce de uma mulher jovem do Rio, ela poderia recomeçar. Novos hibiscos brotariam, selvagens como os quadros que amava. E se misturariam cores, folhagens, pistilos agressivos, suavizados por uma coroa aberta de pequenos estames amarelos.

O carro parou, devagar, em frente a um prédio cinza, como todos os prédios cinzas de Copacabana. A boca escura e fresca da entrada do edifício lembrou-lhe a caverna onde se esqueceria da busca. Recuou. Precisava do mar. Dele dependia

a sua resposta, a palavra final, para que pudesse descansar, repousada no entendimento de tudo. Mas o marido queria o descanso do apartamento, queria colocar as coisas em ordem, as coisas que jaziam desordenadas. Há vinte anos. Seguia-o, olhando para trás como a mulher que virara sal, mas não havia lágrimas no seu rosto, ainda.

O apartamento foi um choque. A janela do quarto dava para o paredão cheio de janelas do bloco da frente. Entre ela e eles, os vizinhos que enchiam o ar de ruídos, apenas um fino corredor que acabava lá em cima num quadrado estreito do céu. Um cheiro de feijão cozido e um rádio ligado alto a espantaram. Então, ali, no país de sua busca, havia pessoas que não se importavam com isso? Como seriam as pessoas que estando lá, cozinhavam feijão e ouviam rádio? Então era isso! O tempo que findava era só dela. Era a condenada a achar entre as areias da praia o seu segredo perdido.

Abriu e fechou armários mofados, a cozinha sem uso, a geladeira ocupando a pequena sala como um monstro desnecessário, para ela que viera do frio. Olhou para os lados, desamparada. O segredo não poderia estar ali naquele lugar feio e escuro. Deveria ser livre como o ar. E o ar faltava naquele buraco sujo. O barulho do elevador, batendo contra a laje do último andar, lembrava-lhe a urgência de sair, de fugir para a claridade. A revelação a esperava, a cidade, as praias, tudo a chamava como pequeninos guizos de prata, espalhados num cordão invisível sobre o céu da cidade. Mas o marido não tinha pressa. Aprontava-se, calmamente, para almoçar fora, em algum lugar, longe daquela cozinha de anões. Apressou-o, inventando uma fome imaginária e súbita que o assustou. Sabia que lá fora, enquanto ele corresse os olhos pelos restaurantes, pelos cardápios, pelos garçons, ela percorreria o ar carregado de presságios. Com a urgência de uma condenada que sente seu tempo prestes a terminar.

O marido escolheu um restaurante espanhol, à beira-mar, aberto à amplidão da luz praiana, que se espalhava pelas mesas, pelas cadeiras, pelos posters de espanholas, as mais coloridas mulheres do mundo. Sentiu-se quase feliz. Pediu «Lula Valpa-

raiso». Queria sentir o gosto acre dos mariscos lembrando-lhe coisas desconhecidas, perfumes de outras terras. Beberam também uma sangria, que se derramava em gotas frias do lado de fora da jarra, sobre a toalha branca. O restaurante estava vazio. Poucas pessoas, o maitre os deixava a sós, no canto da mesa contra a parede. O marido olhava a comida, ela começava a sentir uma espécie de espanto e tontura obscuros que vinham do céu, das ondas se debatendo lá na praia, da luz envolvente como um manto cálido. Era um quebranto, um rolar pesado de espumas.

Aos poucos, entravam no restaurante alguns fregueses — uma senhora só, amigos e um bando alegre e unido de três marinhos franceses. Eram jovens, também eles estavam um pouco zonzos com aquele ar novo e claro. Devia ser liberdade, pensou ela, a liberdade que perdera. Sentiu, de súbito, que já a havia perdido há muito tempo. Os vinte anos agora lhe pesavam como uma garra apertada. Como pudera entregá-la, em troca de uma busca sem esperança? Sentia-se mesquinha, tolhida, presa para sempre. Contemplava o mundo pela última vez, depois a recolheriam de novo e ainda diriam — viu, como o Rio é lindo? Meu Deus, ela sabia o que havia deixado, perdido para nunca mais. Vinha-lhe, de algum lugar de dentro dela, uma vontade selvagem de gritar, de chorar, de se rebelar, sair correndo. Talvez ainda fosse tempo.

Não era mais.

Olhou sua escura túnica preta, asceticamente amarrada com um nó, passou as mãos pelo pescoço despojado e imaginou de quantas ausentes vestes diáfanas, de quantos brilhos e pedrarias enroscados pelos cabelos louros e pelo colo fora roubada. Imaginou os perfumes que teria derramado no corpo amoroso e o brilho esquivo de um olhar de lado, sutil e fatal. Os marinheiros tinham cheiro de sal, eram elásticos e falavam rápido, num barulho musical que saltitava alegremente como minúsculas campainhas de fogo. Não era chuva, eram estilhaços brilhantes caindo do alto, de muito alta. Traziam o desafio dos ventos, do espaço, da Grécia. O marido lhe disse:

— «O que dizem eles? Você fala francês tão bem...»

Recuou horrorizada. Conversar com eles? Como poderia? Não identificara ainda uma só palavra naquele mágico borburinho dos marinheiros. O marido não compreendia. Ela sim. Meu Deus, era tão cansativo compreender sempre tudo! Não entendia aquela língua. Era o sopro da liberdade, vindo num rastro pelo Atlântico afora, rápido e desembaraçado como um astro de espuma. Ela não, ela só sabia de meandros, contornos, traços apagados pelas lágrimas em velhos livros que diziam as palavras de poetas loucos e distantes. Nada parecido com esses jovens brancos e vermelhos — um pouco de azul também, por que não que agora cantavam alguma coisa bem alegre, também eles tocados pela sangria, que depois de desfeita no céu da boca era quente, quente como o olhar do jovem marinheiro que a descobrira, encolhida como uma viúva-negra no seu canto.

Não havia dúvida. Queria chorar, chorar alto, ali mesmo naquele restaurante sem nome, sem ter vergonha nem pejo de sua tristeza. Ia chorar, já estava chorando, os garçons fingiam não ver, o marinheiro jovem não via, o marido não via, mas ela chorava, chorava como nunca se julgara capaz. Queria se esvaizar, queria unir seus olhos e a beira-mar num rio de sal e sair nadando, livre, livre. Mas não podia. O segredo ainda não era seu. Pediu socorro ao marido que, afinal, vira suas lágrimas e lhe diria baixinho:

— Você bebeu muita sangria, vamos, vamos!

Saíram. Olhava para baixo e via os meandros dos desenhos da calçada, curvando-se, desencurvando-se, enovelando, desenovelando-se, enrodilhando, desenrodilhando-se. Imaginou-se seguindo-os até o começo dos traços. Poderia, quem sabe, terminar lá onde estava o segredo, se os seguisse. Mas ainda não era a hora. Para quem esperara vinte anos...

Chegaram de volta ao apartamento. Teve ódio do prédio, do ar que escorregava das lixeiras para os corredores sombrios. O marido, esse não tinha ódio de nada, deitou-se apenas na cama, de qualquer jeito, era um homem feliz. Queria este homem feliz, mas aquela cama, aquele apartamento sem beleza... Estava presa e nada podia fazer, senão chorar. E recomeçaram os soluços, longos, duros, sofridos, sem vergonha de ninguém.

O marido era parte dela. Queria amá-la, agora. Nunca haviam feito amor debaixo de lágrimas. Seria bom amar e chorar, chorar e amar, as duas coisas se parecendo, se misturando, colando-se no seu corpo e no do marido. O sentimento da viuvez negra colheu-a, porém, num amaranhado complicado. Ainda não era a hora.

À noite, retornou o problema. Sair daquele buraco a que as lágrimas haviam emprestado um pouco de magia, mas que era o que era. Uma quitinete, onde de madrugada correriam baratas pelas coisas. Délia Manãra ali fazia seus coriáceos bombons, tão à vontade como a Circe de Cortázar, em Buenos Aires... Correram para fora. O marido, agora, parecia acompanhá-la na fuga e chegaram depressa à rua iluminada, aos passantes enfeitados como havaianos.

O mar estava lá, nenhum paredão o faria desaparecer. Voaram, voaram num táxi maluco, que só ela sabia ser uma nau de descoberta. Desceram em frente ao Canecão. Como poderiam ter descido numa praia deserta de um país desconhecido. Eram navegantes e descobriam coisas. Primeiro a multidão. Todas as mesas apinhadas de gente. Meu Deus, como era bom gente! Tinham olhos, bocas, roupas e eram coloridos como os da revista.

O show era de Roberto — além do horizonte — Carlos.

O mar de luz sobre a multidão escureceu e o brilho de um spot incendiou-se sobre um homem jovem, montado num carro de verdade, no meio do palco alto, olhando de cima para todos. Estranho. Já ouvira Roberto — uma lágrima rolou no meu rosto — Carlos. Mas agora era diferente. Olhava para os cabelos encaracolados, para os enfeites de prata pendurados no pescoço do cantor e sentia que ele era um dos que possuíam o segredo da liberdade, dessa liberdade mágica como uma dádiva — que ela procurava em todo o lugar, os olhos ardendo já da busca de vinte anos. Por que um desses, sentado num calhambeque, num meio de palco, natural e simples, possuía assim de graça, como uma benção, o que pedia há vinte, sofrendo em silêncio, se amargurando, sentindo fogo nas veias e na garganta seca? Ele não. Sua garganta era doce como a do pássaro da juventude.

E dizia coisas tão simples, que a poderiam ter feito rir, mas que hoje, agora que sabia que ele possuía o seu segredo, a faziam chorar. Sentiu-se novamente uma triste viúva-negra. E só queria olhar, olhar para esse macio homem jovem, que do alto do palco do Canecão hipnotizava a todos. O peito entreaberto da camisa mostrava uma garganta ágil e dela saíam palavras simples que tocavam. As coisas simples, uma vida a dois, crianças.

Mas era mais que isso. A garganta do cantor curvava-se para trás, o corpo também era flexível, o ritmo não era um monocórdio apenas. Havia muito mais. Havia lágrimas guardadas como as dela. Teve vontade de tocar aquele corpo morno de homem jovem como tocava o do marido. Queria-o para si, viúva-negra. De todas as partes vinham alusões, pistas, indícios. Mas o segredo estava mais longe do que nunca. Roberto — vou a lugar nenhum — Carlos já se esquecera da busca. Subira no calhambeque e era um garoto gozador brincando com sua tristeza. Largou-o, na comunhão ardente da multidão. Não estava com ele o segredo, mais uma vez se enganara. Era um Deus sem problemas e sem desejos, tão diferente dela como a terra da lua.

Se não estava com as pessoas, com quem estaria o segredo? O marido tentava fazer parar suas lágrimas:

— «Mas o que havia, afinal?»

Talvez não houvesse nada, mas se assim fosse não sentiria aquela tontura subindo da sombra, apossando-se dela como tentáculos macios, na escuridão da platéia. Sabia. O tempo urgia — as forças se acabavam. . .

Voltar ao apartamento, ainda mais vazia e seca do que antes, jamais. Largar o marido, também, não podia. Sem ele, era incompleta, mutilada. Às vezes, o beijava com tanto furor que ele pressentia que ela o queria estar transformando numa outra coisa, tão outra coisa diferente do que ele mesmo era, que recuava, recuava, até desaparecer debaixo dos frios lençóis, onde se escondia. Como atrás de uma nuvem. Como agora. A imagem do rosto do marido estava se diluindo e ela sentia sobre os olhos um peso salgado de gotas do mar que caíam do alto e apagavam a lembrança do contorno daquele rosto pro-

curado, esquadrinhado, negado, mas que ela queria reconstituir. Ele era dela, ele era ela. Meu Deus, era ele o segredo, o seu grande, mágico segredo, que procurara nas pedras ruivas da sua terra, no mar azul que não era da sua terra, nas plantas com que enchia a casa, na água fria do córrego da fazenda da avó e que agora lhe caía em ondas sobre os olhos — não mais em gotas — cegando-a, não a deixando mais espantar-se, ou gritar ou se debater. A água do córrego era a do mar que batia na praia. Tentou agarrar a mão do marido, prendê-la num bote no espaço, mas o mar a levou numa onda mais forte e a arrancou num soluço mais alto, sem que nenhum dos dois percebesse que era o fim.